

ESCRITAS DE AUTORIA FEMININA II - DA LITERATURA BRASILEIRA

Dando continuidade ao nosso dossiê de autoria feminina, este número muda seu rumo e se volta para a literatura brasileira. A palavra transita entre escritoras do século XIX ao século XXI, irrompendo raízes que se interligam e participam dos fluxos do Sul Global. Situando-se entre o diálogo com nosso número anterior, Das Literaturas Estrangeiras (n. 27 - 2020), esta segunda parte, que encerra o dossiê, transluz o inacabamento e a infinitude de redes possíveis para as escritas de autoria feminina. As temáticas se deslocam da centralidade do Norte Global e transitam pela ancestralidade e pelo mosaico intrínseco de vozes que compõem o cenário literário de mulheres, escrito por elas e sobre elas. Ao mesmo tempo em que revisitamos escritoras de maior circulação nacional, nós lemos aquelas responsáveis por nos deixar um legado injustamente pouco reconhecido.

Abrimos a seção de artigos com as poesias de uma série de escritoras brasileiras. As coletâneas poéticas de Heloísa Buarque de Hollanda (1976; 1998) são a fonte de inspiração para “Seis poetisas hoje”, de Angela Guida e Daniel Almeida Machado. Como o título bem diz, seis poetisas são convocadas para este estudo sobre a “presença da mulher escritora de poesia no século XXI”. Dois pontos em comum na produção poética delas são a influência de Ana Cristina César e a insurgência em espaços culturalmente silenciados pela crítica hegemônica. A poesia tem seguimento na conversa proposta por Pedro Henrique Trindade Kalil Auad em “Três sentidos para a memória da poesia de autoras brasileiras contemporâneas”. As obras de autoras como Adelaine Ivánova, Alice Sant’Anna, Bruna Beber, Flávia Péret, Marília Garcia, Nina Rizzi, Tatiana Pequeno, Yasmin Nigri, etc., são reunidas em diálogo com o intuito de refletir acerca da presença da memória e do corpo na palavra poética a partir da inscrição de três sentidos: o gosto, o tato e o olhar. A grande quantidade de nomes que participam dessa reflexão incita-nos a observar a crescente poesia brasileira de autoria feminina contemporânea.

O corpo, percebido acima em toda sua sensibilidade dos sentidos e da memória que carrega, além de ser uma categoria predominantemente debatida nos feminismos, entrelaça-se com a sexualidade no artigo questionador “Quem é mulher de verdade? - corpo feminino e sexualidade em *A via crucis do corpo*, de Clarice Lispector”, de Ana Paula Comissário e Rosanne Bezerra de Araújo. Nele, o corpo feminino é fonte para retratar a ficcionalidade das categorias gênero e sexo e transpor binaridades. As personagens femininas de Clarice Lispector também estão presentes na análise comparativa com o conto “Era uma vez”, de Maria Lucia Medeiros, no artigo “Infâncias frustradas e maternidades possíveis em Clarice Lispector e em Maria Lúcia Medeiros: do era uma vez aos restos de sonhos”, de Paulo Valente e Rosana Cássia dos Santos, voltando o olhar para a maternidade, a infância e o amadurecimento.

A escritora Rachel de Queiroz é celebrada em dois artigos: “Quem tem medo de Rachel de Queiroz? Questões de gênero em *As três Marias* (1939)”, de Daniela Rezende

Soares; e “*Galo de ouro e Memorial de Maria Moura: Rachel de Queiroz e as contradições do feminino - entre a independência e a conformação*”, de Osmar Pereira Oliva. No primeiro, a relação entre o destino relegado às personagens femininas da obra e os seus perfis na adolescência, no espaço do internato católico que figura como personagem, é acompanhada pela perspectiva também de marcadores sociais. No segundo deles, as contradições apontadas vão um passo além da construção dos perfis das personagens e alcançam os posicionamentos da escritora em vida, abrindo a discussão sobre a parte negativa da recepção crítica das suas obras e justificando o título que faz referência ao que disse Heloísa Buarque de Hollanda: “o que a crítica brasileira tem mostrado (...) é medo de Rachel de Queiroz” (1997, p. 104).

A instituição do matrimônio na década de 30, as decisões tomadas pela personagem Cecília no romance de Lúcia Miguel Pereira e os seus desdobramentos compõem o artigo de Edwrigens Aparecida de Almeida intitulado “Mas afinal, o que querem as mulheres? O lugar da mulher na obra *Em surdina*”. A partir de um pedido de casamento, Cecília questionará a tradição matrimonial, as facetas deste contrato e suas implicações sociais.

O assédio, o feminicídio e o estupro estão, com cada vez maior frequência, presentes na escrita de autoria feminina, se considerarmos o potencial catártico de espaço experimental que a escrita performa. Assim, Paulo Eduardo de Moraes e Maria Alice de Souza propõem uma análise da crise de representação da personagem feminina em “A escrita do feminino: assédio e feminicídio no conto ‘Venha ver o pôr-do-sol’, de Lygia Fagundes Telles”, observando a estratégia narrativa de Telles no que concerne o espaço e a construção das personagens marcadas também pelo gênero. Já o estupro é tema do artigo “O estupro em duas narrativas de autoria feminina contemporânea”, de Maria do Rosário A. Pereira e Aline Alves Arruda. Selecionando duas escritoras contemporâneas, Deborah Dornellas e de Aline Bei, que “têm flertado diretamente com as pautas feministas”, as autoras do artigo analisam com cuidado e destreza a categoria escolhida nas narrativas de tons memorialista, afetivo e poético.

O cinema documental vem a interpelar este número com o artigo “Mulheres no Cinema de Helena Solberg: entre múltiplos olhares e vozes, os documentários *A entrevista* (1966) e *The double day* (1975)”, de Meire Oliveira Silva. Compreendemos o espaço das mulheres no cinema, assim como na literatura, necessário de debate, reflexão e visibilidade. No caso de Solberg, sua documentação se volta para vivências e identidades de mulheres latino-americanas, construindo retratos, perfis e decupando narrativas seccionadas por outras questões sociais. O filme em seu formato de experimentação e representação pode ter circulação mais abrangente do que a literatura, ocupando espaços bastante variados (cinema, televisão e internet).

Para encerrar esta sessão, o neologismo *escrivência* se vê como a premissa para os artigos que estudam a obra de Conceição Evaristo: “Voz e (re)existência feminina negra nos contos ‘Aramides Florença’ e ‘Mirtes Aparecida da Luz’, de Conceição Evaristo”, por Deivanira Soares e Eronilde Cunha; e “A genealogia negro-brasileira contemporânea de autoria feminina na literatura de Conceição Evaristo: tempo, temporalidade e ancestralidade em *Olhos d’água* (2014)”, por Rayron Sousa e Risoleta de

Freitas. No primeiro deles, a maternidade negra é um dos pontos centrais e “o ecoar” das vidas escritas são “como mecanismos de combate contra o racismo e o machismo”. As autoras apontam para a construção narrativa humanizada de Evaristo e uma linguagem própria, subjetiva, que centraliza a experiência de homens e mulheres negros/as. O segundo artigo propõe se alinhar a outras epistemologias para “pensar a genealogia feminina e materna negra”. A literatura de Evaristo surge, segundo as autoras, como um exemplo de materialização da decolonialidade com sua autorrepresentação, autoficcionalização e ficcionalização, juntando uma multidão de vozes.

Por fim, apresentamos as três resenhas dispostas, a começar por “Silêncios prEscritos: Estudos de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006)”, de Teresa Espallargas. A obra resenhada é fruto da tese de doutorado de Fernanda R. Miranda pela Universidade de São Paulo. Espallargas detalha o escopo da pesquisa, revelando, assim, a sua relevância para os estudos literários e sociais. A segunda resenha, “*Sou aquela mulher do canto esquerdo do quadro*, de Fernanda Grigolin (São Paulo: Tenda de Livros, 2020)”, de Maria Teresa Mhereb, possui uma narração quase íntima com a obra, evidenciando a experiência de leitura do “arquivo pessoal da narradora”. Sendo também uma homenagem às mulheres libertárias, Mhereb comenta o “crasso pleonasma” que a vida e a luta seriam para elas. A terceira e última resenha nos deixa, especialmente em seu título, o recado desejado por este número de Escritas de Autoria Feminina. “Ressignificar a queda, empestar o cânone”, de Luiz Henrique Moreira Soares, nos conta sobre a obra *Segunda Queda* (2018), da escritora transvestigênera Ave Terrena Alves. O livro é composto por poemas que articulam “o pajubá e a linguagem típica das redes sociais” e que radicalizam, descentralizam através da criação poética e de novas gramáticas. Isso reforça, portanto, o que foi dito de início acerca da continuidade ou descontinuidade, ou seja, sobre a obra em aberto que é a literatura escrita por mulheres.

Eurídice Figueiredo (UFF)

Flávia Miotto (USP)

Maria Letícia Macêdo Bezerra (USP)

Samanta Esteves Nagem (USP)

Maio 2021